

Coisas do Gênero

REVISTA DE ESTUDOS FEMINISTAS EM TEOLOGIA E RELIGIÃO



Coisas do Gênero é licenciada
sob uma Licença Creative Commons

O corpo trans nas práticas midiáticas digitais: uma análise discursivo-crítica da formação identitária de Tereza Brant

The body trans in the digital media practices: a critical discourse analysis of the identity formation
of Tereza Brant

Daniela Márcia de Souza*

Resumo: O presente artigo busca analisar de que forma as práticas midiáticas digitais, por meio dos títulos de textos jornalísticos, constituem a identidade de Tereza Brant. O objetivo é observar como esse corpo que transcende aos padrões de gênero feminino é representado, e principalmente como os discursos sobre ela podem realçar, naturalizar e engessar hegemonias ou, pelo contrário, desconstruir dogmas, padrões e estigmas. As teorias que guiam nossas discussões são a análise do discurso crítica, cunhada por Norman Fairclough (2001, 2003); a teoria da valoração de Peter White (2001) e a abordagem *queer*, proposta por Butler (2010). Observamos que os textos analisados reforçam princípios conservadores, principalmente o binarismo e a matriz de inteligibilidade. Há uma recorrente comparação entre a identidade de gênero com a qual ela se identifica (feminina), e seu corpo físico, mais expressivamente sua aparência, socialmente reconhecida como masculina. Desse modo, as avaliações atribuídas a ela carregam julgamentos de normalidade negativos, evidenciando os lugares de outridade, abjeto e de diferente aos quais os corpos trans são subjugados pela sociedade. A identidade de Tereza Brant está ancorada ao conceito de celebridade, o tema da fama permeia quase toda a amostra discursiva analisada, enquanto as questões políticas de gênero são excluídas e rechaçadas. Acreditamos que cabe às práticas midiáticas relativizar os essencialismos, possibilitar novos olhares para esse corpo marginalizado, tratar desse tema sensível de modo a fomentar o respeito, a inclusão de forma mais solidária.

Palavras-chave: Corpo. Identidade. Gênero. Práticas midiáticas digitais. Análise de discurso crítica.

Abstract: This paper aims to examine how digital media practices, through titles of journalistic texts, constitute the identity of Tereza. The goal of this work is to observe how this body that transcends the female gender is represented, and especially as the speeches about her can enhance, naturalize and cast as rulers, or on the contrary, deconstruct dogma, patterns and stigmata. The theories that guide our discussions are the Critical Discourse Analysis, coined by Norman Fairclough (2001, 2003); the theory of Value of Peter White (2001) and the Queer Approach proposed by Butler (2010). We note that the texts analyzed reinforce conservative principles, especially the binaryism and the

* Daniela Márcias de Souza. Aluna do programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa. Graduada em Letras Português Espanhol. Contato: daniela.marcias@gmail.com

array of intelligibility. There's a recurring comparison between gender identity with which she identifies (feminine), and your physical body, most significantly her appearance, socially recognized as masculine. In this way, the evaluations assigned to her carry judgments negative about normality, highlighting the places of otherness, abject and different to which the bodies trans are subjugated by the society. The identity of Tereza is anchored to the concept of celebrity, the subject of Fame permeates almost all the sample discursive analyzed, while political issues of gender are deleted, repulsed. We believe that the media practices should become relative to the essentialisms, enabling new looks for this body marginalized; address this sensitive topic so as to foster respect, the inclusion of more solidarity.

Keywords: Body. Identity. Gender. Media digital practice. Critical discourse analysis.

Introdução

As representações midiáticas do corpo têm partido de discursos hegemônicos e naturalizados, priorizando aqueles que se adéquam aos padrões heterossexistas. Podemos dizer que as identidades na sociedade moderna se formam sob os modelos da heteronormatividade¹. Existe uma latente busca da sociedade pelos “juízos positivos de estima social ligados à normalidade”² os quais se baseiam em premissas sobre o sexo e o gênero fundamentadas no patriarcado, como o binarismo de gênero, ressaltando apenas o ser homem e o ser mulher, excluindo as demais possibilidades de ser e estar no mundo que têm se reafirmado na pós-modernidade, como os corpos trans³.

A valorização da heteronormatividade implica a exclusão de corpos considerados “diferentes”. Isso se torna visível principalmente nos textos veiculados pelas práticas midiáticas, em que há uma tentativa de enquadrá-los na matriz heterossexual. Os corpos “gay”, “transexual”, “transgênero”, “cross-dresser”, “travestido” são representados pelas práticas midiáticas de modo a encaixá-los nestes padrões binários, violentando-os, criando muitas vezes discursos intolerantes. Os discursos tanto verbais quanto não verbais reafirmam as hegemonias pautadas nos corpos binários – homem: barba grossa, cabelo raspado, másculo, viril, forte; mulher: cabelos longos, fértil, seios, frágil, feminina. Segundo Bento, “a questão que se impõe, quando se autodefinem como trans, é encontrar pontos de apego socialmente aceitos para o gênero identificado. Ou seja, quais performances de gênero devo atualizar para ser aceito como membro do gênero identificado?”⁴

Tereza Brant se autodefine em seu *site*⁵ como

¹ “Heteronormatividade é a capacidade da heterossexualidade apresentar-se como norma, e definirá o modelo hegemônico de gênero”. BENTO, Berenice; PELÚCIO, Larrisa. Despatologização do gênero: politização das identidades abjetas. In: *Estudos feministas*, Florianópolis, 2012, p. 51).

² WHITE, Peter. *Valoração: a linguagem da avaliação e da perspectiva*. Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, 2004, p. 187.

³ As expressões corpos trans, pessoas trans e existência trans são utilizadas nesta pesquisa como um guarda-chuva para as múltiplas vivências de gênero.

⁴ BENTO, Berenice. *O que pode uma teoria? Estudos transviados e a despatologização das identidades trans*. Florestan, (2), 46.-66, 2014, p. 57.

⁵ Disponível em: <<http://www.terezabrant.com/>>. Acesso em: 10 fev. 2015.



Sucesso na internet e na televisão desde o ano de 2013, Tereza Cristhina da Silva Borges **tem aparência de um belo rapaz, e gosta de ser chamada de Tereza Brant**. Jovem, com apenas 21 anos, há menos de 3 anos tomou uma decisão séria para mudar sua vida, concluiu que gostaria realmente de ter a aparência de um homem.

Brant realiza performances compatíveis com seu corpo, considerado masculino, e compatíveis com sua identidade de gênero, feminina. Desse modo, ela demanda “o direito de viver o gênero na fronteira, através de atos performáticos que borram intencionalmente os limites binários entre os gêneros”⁶. Os corpos, assim como os gêneros sociais, são constantemente domesticados, controlados, modelizados e disciplinados pelas estruturas e instituições⁷. A mídia, por exemplo, apresenta-se como uma poderosa instância societária que produz gêneros discursivos de governança, principalmente ao reafirmar modelos de comportamento e ideais de beleza que conformam padrões hegemônicos⁸. É importante destacar que as práticas midiáticas não apenas reproduzem, mas também constroem discursos sobre as identidades, legitimando as diferenças entre os gêneros, por meio de concepções hegemônicas.

A mídia, ao abordar questões relacionadas à construção das identidades de gênero, apresenta-se como forma de linguagem que reproduz identidades coerentes. Dessa forma, homens e mulheres, continuam a ser concebidos de acordo com normas que criam noções de uma natureza para as suas categorias. São estabelecidas formas hegemônicas de construção das identidades que estão dentro das linhas de poder definida pelo discurso da diferença. O perfil apresentado de mulher geralmente se trata da mulher heterossexual, desenhada em cima de assuntos relacionados à sedução, sexo, família, casamento e maternidade, assuntos que fazem parte do cotidiano feminino e de sua natureza.⁹

As representações sociodiscursivas sobre Tereza Brant configuram-se como um problema social parcialmente discursivo, pois ela se identifica como uma mulher, no entanto se apresenta em um corpo masculinizado: cabelo curto, barba, ombros largos, braços fortes, viril. A escolha por estudar textos que tematizam a construção corpórea de Tereza Brant deve-se à sua representatividade nos mais diversos meios de comunicação e, principalmente, nas práticas midiáticas digitais. Além disso, ela é a figura trans de maior visibilidade na região mineira, onde esta pesquisa se realiza. Pretendemos lançar o olhar para a forma como esse corpo é socialmente representado por meio das práticas midiáticas digitais. Analisar essas práticas sociais importa porque nos permite observar como se constituem e se entrecruzam as relações de poder para que possamos entendê-las como instrumentos de lutas hegemônicas, que disseminam e naturalizam ideologias particulares sobre como um sujeito deve ser, agir, se comportar, se relacionar.

O objetivo deste artigo é analisar os textos das práticas midiáticas digitais por meio da

⁶ BENTO, 2014, p. 58.

⁷ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. 32 edição. Petrópolis: Vozes, 1987; BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

⁸ No contexto desta pesquisa, o uso deste termo refere-se à representação de corpos hegemônicos, caucasianos, brancos, magros, católicos, de classe média, cisgêneros.

⁹ CASTRO, Ana Lúcia; Juliana PRADO. Corpo e identidades femininas: a intermediação da mídia. In: *Estud. sociol.*, Araraquara, v. 17, n. 32, p. 241-259, 2012, p. 256.

análise do discurso textualmente orientada, proposta por Norman Fairclough e por meio dos estudos da valoração, com contribuições das abordagens *queer*. Observamos como os textos apontam, discutem, evidenciam, aclaram ou naturalizam discursos hegemônicos ao representar Tereza. Dessa forma, buscamos refletir sobre as relações entre corpo, identidade de gênero e práticas midiáticas, observando, por meio da análise de textos, como a relação entre corpo e gênero que transcende aos padrões binários é apresentada à sociedade. As amostras discursivas deste artigo são os títulos de nove textos jornalísticos, os quais tematizam a identidade de Tereza Brant. A escolha destes textos deveu-se à presença da problematização de práticas discursivas e sociais acerca das questões sobre o gênero social em mídias *online* de grande visibilidade: G1, Globo, Época, Correio, O Tempo, Paraíba, Bol, Glamour e Uai.

Neste momento de falsa contemplação das diferenças, é relevante compreender como as práticas midiáticas, ao tratarem de temas sensíveis, operam efeitos causais a respeito destes. Estas, ao retratarem este corpo trans, tornam-se “um efetivo mecanismo para a sustentação e a reprodução das dimensões ideológicas e culturais”¹⁰. “Em particular, a linguagem da mídia de massa é detalhadamente analisada como espaço de poder, de lutas, e também como um espaço onde a linguagem é aparentemente transparente”¹¹.

A análise do discurso crítica atende aos nossos objetivos, pois “permitirá a efetiva resistência às imposições hegemônicas e, portanto, a possibilidade de mudança social e discursiva”¹². A abordagem teórico-metodológica proposta por Lilie Chouliaraki e Fairclough, da qual nos serviremos, atende à nossa necessidade de análise discursiva deste problema social. Esse modelo “combina uma apreciação negativa, no diagnóstico do problema, com uma apreciação positiva, na identificação das possibilidades até então inconcebidas para sua resolução, levando em consideração a maneira como as coisas estão”¹³.

É um problema social que se refere às questões de gênero, e acreditamos que as abordagens *queer* propostas por Judith Butler, e relidas por Sara Salih e recontextualizadas à realidade brasileira por Berenice Bento e Guacira Louro, nos permitirão uma profunda análise dos aspectos sociais deste problema, que é também discursivo. As abordagens *queer* apontam caminhos para uma análise do discurso crítica e reflexiva que seja efetiva no seu propósito de desvelar e desnaturalizar hegemonias e ideologias sobre o gênero nas práticas midiáticas. “A

¹⁰ FAIRCLOUGH, Norman. *Media discourse*. London: Edward Arnold, 1995, p. 94.

¹¹ WODAK, Ruth. Do que trata a ACD: um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. In: *Linguagem em (Dis) curso*. Universidade do Sul de Santa Catarina, SC, 2004, p. 231.

¹² GOMES, Maria Carmen Aires. Considerações sobre os estudos críticos discursivos: o projeto social discursivo de Norman Fairclough. In: GOMES, M.C.; MELO, M.S.S; CATALDI, C. (orgs.). *Gênero Discursivo, Mídia e Identidade*. Viçosa: Editora UFV, 2007, p. 15.

¹³ FAIRCLOUGH, Norman. Análise Crítica do Discurso como método em pesquisa social científica. Tradução de MELO, Iran. *Linha d'Água*, n. 25 (2), p. 307-329, 2012, p. 312.

reflexão é fundamental para elaborar politicamente o enfrentamento das violações aos direitos humanos que acompanham as trajetórias dos que transcendem os limites do binarismo”¹⁴.

Esse artigo apresenta como referencial teórico a análise do discurso textualmente orientada (ADTO) para análise de problemas sociais parcialmente discursivos, o sistema de avaliabilidade, e uma breve discussão sobre corpo, gênero e sexualidade. Em seguida, introduz as análises e, por fim, estão organizadas as considerações finais.

A ADTO para análise de problemas sociais parcialmente discursivos

A análise do discurso crítica (ADC) configura-se como uma proposta teórico-metodológica que pretende observar como as relações desiguais de poder existentes no interior das interações sociais se constituem por meio da linguagem. Objetiva analisar as relações dialéticas entre semioses e demais elementos das práticas sociais, preocupando-se principalmente com o papel que a linguagem desempenha nos processos de mudanças sociais¹⁵. Chouliaraki e Fairclough apontam que questões sociais são também questões sobre o discurso; tanto o social é afetado pelos discursos como os discursos são constrangidos pelo social. Fairclough conceitua essa proposta como “[...] a análise das conexões dialéticas entre discurso (incluindo linguagem, mas também outras formas de semiose, por exemplo, linguagem corporal ou imagens visuais) e outros elementos das práticas sociais”¹⁶. Vale destacar que, para este artigo, utilizamos a análise do discurso textualmente orientada (ADTO) desenvolvida por Norman Fairclough¹⁷.

Fairclough afirma que a linguagem é parte irreduzível da vida social, de modo que existe uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social, portanto a estrutura social torna-se condição e efeito do discurso. O discurso é a dimensão das práticas sociais, que, para Chouliaraki e Fairclough, são “maneiras recorrentes, situadas temporal e espacialmente, pelas quais agimos e interagimos no mundo”¹⁸. A prática social é responsável por intermediar as estruturas sociais e os discursos. A semiose está em todos os momentos da prática: nas estruturas sociais enquanto linguagem; nas práticas sociais enquanto ordens do discurso; e nos eventos sociais enquanto textos.¹⁹ Fairclough propõe que as redes de práticas sociais, no seu aspecto linguístico, sejam chamadas de ordens do discurso, que se realizam por meio de gêneros, discursos e estilos. São estes elementos que selecionam certas possibilidades linguísticas e excluem outras.

¹⁴ ALMEIDA, Guiherme. Homens trans: novos matizes na aquarela das masculinidades? In: *Estudos Feministas*, Florianópolis. p.513-523. 2012, p. 212.

¹⁵ FAIRCLOUGH, 2012, p. 309.

¹⁶ FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London, New York: Routledge, 2003, p. 231.

¹⁷ Cf. FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Mudança Social*. Brasília: UnB, 2001; 2013. O texto original *Discourse and social change*, publicado em 1992, foi traduzido para o português numa versão organizada por Izabel Magalhães, da Universidade de Brasília (UnB), em 2001.

¹⁸ CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1999, p. 21.

¹⁹ FAIRCLOUGH, 2003.

Os gêneros são formas de agir e interagir no mundo através da linguagem, por meio da fala e da escrita. Logo, diferentes gêneros são diferentes formas de agir e interagir discursivamente. O discurso figura nas representações que sempre são partes de práticas sociais – representações do mundo material, de outras práticas sociais, representações próprias reflexivas da prática em questão. O discurso é, portanto, uma maneira particular de representar partes do mundo (os processos, relações e estruturas do mundo material, o “mundo mental” dos pensamentos, sentimentos, crenças, e assim por diante, e o mundo social). E os estilos são o aspecto discursivo das formas de ser, identidades. “Quem você é, é parte de uma questão de como você fala, como você escreve, assim como é uma questão de incorporação – como você olha, a forma de parar, como se move, e assim por diante”²⁰.

Tendo em conta os elementos das ordens do discurso, gênero, discursos e estilos, Fairclough propõe que estes tipos de significação levam as pessoas a agirem e interagirem com os outros (significado acional), representarem pessoas, eventos coisas (significado representacional) e identificarem, julgarem, apreciarem (significado identificacional). Os significados acional, representacional e identificacional são compreendidos como os principais tipos de semioses dos textos. Procurando refletir como a linguagem se significa no curso dos eventos sociais, ou seja, como as pessoas fazem coisas nos processos de *meaning-making* nos mais variados eventos sociais, Fairclough busca analisar os textos como parte de eventos sociais específicos, olhando para os significados anteriormente descritos percebendo de que forma realizam os vários traços linguísticos, fazendo a conexão entre o evento social concreto e as práticas do agir, representar e ser.

“Por meio da análise de gêneros, discursos e estilos em textos situados, é possível investigar as relações entre aspectos discursivos e não discursivos de práticas sociais”.²¹ Dessa forma, ao analisar as práticas sociais midiáticas, devemos observar como se constituem e se entrecruzam as relações de poder para que possamos entendê-las como instrumentos de lutas hegemônicas, que disseminam e naturalizam ideologias particulares. Uma das formas que a mídia encontra para acentuar, negociar, aclarar ou naturalizar concepções engessadas sobre tais temas é o uso de julgamentos e avaliações.

Baseando-se também²² nos princípios sistêmico-funcionais, White estuda as significações de afeto produzidas por sujeitos em contextos de produção particulares. Para este autor, as escolhas que o falante faz ao construir seu texto refletem diferentes tipos de avaliação, positiva ou negativa. São realizações de avaliação: adjetivos, advérbios, substantivos e verbos. Afeto,

²⁰ FAIRCLOUGH, 2003, p. 159.

²¹ RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane. *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. Campinas: Pontes, 2011, p. 49.

²² Fairclough utiliza-se das metafunções e do conceito de texto que Halliday cunha na GSF, uma vez que eles nos permitem pensar a língua como um sistema de possibilidades e, deste modo, se adéquam aos objetivos da ADTO.

juízo e apreciação, uma vez que as três categorias utilizam-se dessas classes gramaticais e se inter-relacionam. Ainda, segundo White, a valoração implica em uma perspectiva de intersubjetividade, ou seja, o grau de engajamento do falante com o que propõe em relação ao dito e ao outro.

Corpo e identidades de gênero: as realizações performáticas

O corpo enquanto suporte de valores é compreendido, pelos estudos sociais aos quais essa pesquisa se filia, como um fenômeno social, histórico e cultural. “Nas sociedades heterogêneas, as relações com a corporeidade inscrevem-se no interior das classes e culturas que orientam suas significações e valores”²³. Embora David Le Breton defina corpo à luz da cultura, podemos afirmar que também é um construto sociodiscursivo. É no e pelo corpo que as representações são construídas, é por meio dele que as pessoas se expressam e se constituem social e politicamente. O corpo (re-) produz sentidos, é o lugar das experimentações que incorpora os sujeitos à sociedade. É o território onde se estabelecem os limites, a individualidade que distingue os sujeitos uns dos outros. O corpo se configura, assim, cada vez mais, como espaço de construção de identidades.

Aprioristicamente o conceito de identidade pauta-se em sistemas de oposição, entre o eu e o outro, o nós e o eles:

A afirmação da identidade implica sempre a demarcação e a negação do seu oposto, que é constituído como sua diferença. Esse “outro” permanece, contudo, indispensável. A identidade negada é constitutiva do sujeito, fornece-lhe o limite e a coerência e, ao mesmo tempo, assombra-o com a instabilidade.²⁴

No entanto, as abordagens *queer*²⁵ propõem críticas aos sistemas binários (homem/mulher, negro/branco, cis/trans, heterossexual/homossexual, masculino/feminino) que configuram e organizam as práticas sociais, os sistemas de conhecimento e as relações entre os sujeitos. Esta crítica pauta-se no fato de que as oposições implicam um dos polos sendo concebido como norma, ou, mais do que isso, concebido como “natural” e hegemônico, em detrimento de outro que é marginalizado, por exemplo, o feminismo discute o feminino em relação ao masculino.

As abordagens *queer* pretendem “desconstruir o processo pelo qual alguns sujeitos se tornam normalizados e outros marginalizados”²⁶. O questionamento da polarização permite a desnaturalização e a possibilidade de discussão, negociação e negação de identidades consideradas superiores. Segundo Louro, “a teoria *Queer* permite pensar a ambiguidade, a multiplicidade e a fluidez das identidades sexuais e de gênero mas, além disso, também sugere

²³ LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Trad. Fuhrmann, S. Petrópolis: Vozes, 2. ed, 2007, p. 81.

²⁴ LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer: Uma Política Pós-Identitária para a Educação. In: *Estudos Feministas*, 2001, p. 549.

²⁵ Para o contexto brasileiro, Bento (2014) sugere o termo estudos transviados, uma tradução cultural idiossincrática para estudos *queer*.

²⁶ LOURO, 2001, p. 550.

novas formas de pensar a cultura, o conhecimento, o poder e a educação”²⁷. Bento aponta cinco pontos que permeiam os estudos *queer*

Os estudos/ativismo *queer* se organizam em torno de alguns eixos: 1) desnaturalização das bioidentidades (coletivas e individuais); 2) ênfase nas relações de poder para interpretar as estruturas subjetivas e objetivas da vida social; 3) a permanente problematização das binariedades; 4) prioridade a dimensão da agência humana, 5) crítica ao binarismo de gênero (masculino *versus* feminino) e sexual (heterossexual e homossexual).²⁸

Tendo em vista as problematizações propostas nesta pesquisa e estes eixos de organização das abordagens *queer*, o conceito de identidade se alinha ao proposto por Judith Butler:²⁹ identidade de gênero como performance. Butler argumenta que “a performatividade é uma reiteração de uma norma ou conjunto de normas”³⁰ que regulam o gênero. Podemos compreender a performatividade como atos de linguagem reiterativos pelos quais o discurso produz os efeitos que ele nomeia. Butler quer dizer que as palavras provocam ações e atuações.

Performativos de gênero são constantemente citados e recitados em contextos e circunstâncias que os reafirmam, os tornam repetíveis e reiteráveis. Na teoria dos atos de fala, o discurso organiza leis e normas que regem a relação entre os sujeitos e sociedade, entre os sujeitos e seus gêneros.

Desse modo, seria impossível viver o gênero, ou seja, realizar atos performativos fora do discurso. Ao identificarem-se ou serem identificados com um outro gênero, os sujeitos se inscrevem em um conjunto de regras e normas que regem tal gênero por meio dos discursos. Ou seja, a busca pela liberdade de vivenciar gêneros fora da matriz heteronormativa é considerada uma subversão, uma transgressão às normas. O gênero é, portanto, performativo, um efeito social dos discursos, e é através dos discursos hegemônicos e engessados que a correspondência entre sexo e gênero é naturalizada e normalizada:

As normas regulatórias do sexo têm, portanto, um caráter performativo, isto é, têm um poder continuado e repetido de produzir aquilo que nomeiam e, sendo assim, elas repetem e reiteram, constantemente, as normas dos gêneros na ótica heterossexual.³¹

Entender o gênero partindo de uma relação direta entre ele e o sexo implica que exista uma base natural para as diferenças entre homens e mulheres inculcadas na sociedade. É importante considerar que há diferenças entre sexo e gênero não para simplesmente estabelecer uma oposição binária entre tais categorias, mas para a compreensão de que não são sinônimas. Gomes e Souza afirmam que “o gênero é frequentemente associado ao sexo, ocorrendo

²⁷ LOURO, 2001, p. 550.

²⁸ BENTO, B. Queer o que? Ativismos e estudos transviados. In: *Revista Cult*. São Paulo: Editora Bregantine, 2016, p. 23.

²⁹ Judith Butler é uma das principais teóricas da questão do feminismo, da teoria queer, da filosofia política e da ética na contemporaneidade.

³⁰ BUTLER, 2001, p. 167.

³¹ LOURO, 2001, p. 548.



generalizações constantes no uso destes termos”³². O sexo refere-se ao corpo físico, biológico, ao natural, macho, fêmea, xx, xy. O gênero é um conceito do campo das identidades, do cultural, social, histórico, construído nos e pelos discursos. Sobre a noção de gênero, Louro afirma que

não há a pretensão de negar que o gênero se constitui com ou sobre corpos sexuados, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatizada deliberadamente a construção social e histórica sobre as características biológicas. O conceito (de gênero) pretende se referir ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas ou então como são trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico.³³

Tais concepções deslocam a discussão sobre essa problemática do sentido biológico para uma perspectiva que adota a categoria *gênero* como uma construção social e cultural e, principalmente, identitária. Nesse sentido, “toda identidade é construção histórica e social e as identidades de gênero não escapam a isso”³⁴. Assim o gênero, enquanto identidade, passa por deslocamentos, mudanças sociais e atualizações. Para Bento, “esses deslocamentos acontecem diariamente com pessoas trans que fazem gênero desfazendo gênero, ou seja, atualizam em suas práticas determinadas estilísticas que fogem do binarismo”³⁵. Sobre tais possibilidades de transformação nas identidades, Hall³⁶ afirma que as velhas identidades que estabilizaram as estruturas sociais, as normas e as hegemonias estão em declínio, dando lugar às identidades fragmentadas ou, nos termos de Bauman, fluidas.

Bento argumenta que “a verdade dos gêneros não está nos corpos”³⁷, não existe um referente natural para vivenciar as performances de gênero. “O gênero só existe na prática, na experiência, e sua realização se dá mediante reiterações cujos conteúdos são interpretações sobre o masculino e o feminino estabelecido com as normas de gênero”³⁸. Portanto, as identidades, nesse sentido, podem ser reconstruídas, negociadas, de maneira que desafiem e subvertam as estruturas de poder existentes.

Na próxima seção apresentam-se as análises do texto considerando as questões acima apontadas.

³² GOMES, Maria Carmen Aires; SOUZA, Daniela Márcia. *Corpo transgênero na mídia jornalística digital e o olhar do leitor*. Representações de vulnerabilidade social e diferença na sociedade contemporânea. Projeto de Iniciação Científica. Letras, Viçosa-MG, julho/2014, p. 76.

³³ LOURO, 2003, p. 22.

³⁴ MISKOLCI, 2005 apud CASTRO; PRADO, 2012, p. 247.

³⁵ BENTO, 2015, p. 14.

³⁶ Embora Hall proponha um conceito de identidade pautado no aspecto relacional entre eu e o outro, que é refutado pela Teoria Pós Identitária, sua proposta de sujeito fragmentado é interessante para esta pesquisa.

³⁷ BENTO, 2014, p. 61.

³⁸ BENTO, 2014, p. 60.

Análises dos títulos

Os títulos das práticas midiáticas digitais apresentam eixos temáticos similares, de modo que a identidade de Tereza é formada a partir dos temas: fama; rede social; masculino x feminino e identidade performática. A fim de compreender como as práticas midiáticas atuam na construção da identidade de Tereza como celebridade, referindo-se a ela através do campo semântico da fama, primeiramente lançaremos o olhar para este tema e como ele tem se desenvolvido no concernente ao corpo trans. “As celebridades, como as entendemos hoje, surgem no apogeu hollywoodiano”³⁹, com a criação, com a inserção do efeito *close-up* nos cinemas, atores e atrizes tornam-se mais íntimos do público, criando um interesse da audiência pelo artista, e não mais apenas pelo espetáculo. Dessa forma, o termo celebridade é usado para referir-se a um status glamoroso conferido a alguém no espaço público.

As celebridades podem ser entendidas como figuras públicas que ocupam o espaço de visibilidade da mídia e são construídas discursivamente [...] elas se destacam da vida cotidiana em virtude do talento na atividade profissional que desempenham ou em função de fatores como “atos heróicos e/ou estratégias publicitárias bem-sucedidas”.⁴⁰

No entanto, “enquanto o herói era reconhecido por seus bravos feitos, a celebridade é lembrada por sua imagem ou marca [...] as celebridades de uma forma ou de outra estão relacionadas com o entretenimento”⁴¹. Personalidades como Deena Love, participante do The Voice Brasil, edição 2014, Lea T e Carol Marra, ambas modelos, a cartunista Laerte, Thammy Miranda e outras celebridades trans estão ligadas à publicidade ou ao entretenimento. Mas será que elas têm sido representadas da forma respeitosa nos textos jornalísticos da grande mídia no que diz respeito à identidade de gênero? Pesquisas apontam que há um reconhecimento da existência trans, no entanto “as representações simplistas da transgenereidade e dos trans não fomentam discussões sobre a temática”⁴².

Ao analisar a representação do corpo transgênero nas práticas midiáticas digitais, Gomes e Souza observaram que “a transgenereidade é sempre relacionada ao corpo, às mudanças físicas resultantes do realinhamento de gênero. Deste modo, são excluídos outros fatores decorrentes da identidade de gênero, como políticos, sociais, psicológicos, afetivos”⁴³. As autoras analisaram ainda as reações discursivas decorrentes dos textos jornalísticos e observaram que

é comum a patologização da transgenereidade. Observa-se o tom de ironia, jocosidade e brincadeira no tratamento da questão de gênero, o desrespeito à identidade de gênero masculina adotada pelos trans-homens. A busca pela deslegitimação da transgenereidade com base no discurso autorizado da ciência,

³⁹ PRIMO, Alex. *Existem celebridades da e na blogosfera*. Reputação e renome em blogs, 2009, p. 107.

⁴⁰ SIMÕES, Paula Guimarães. *A mídia e a construção das celebridades: uma abordagem praxiológica*. Logos, 16(2), 67-79, 2009, p. 75.

⁴¹ PRIMO, 2009, p. 108.

⁴² GOMES; SOUZA, 2014, p. 80.

⁴³ GOMES; SOUZA, 2014, p. 77.



da justiça e da religião. São comuns os julgamentos de estima social negativos de normalidade [...]. Os leitores apresentam a transgenereidade como escolha ou desejo dos trans. O corpo é frequentemente priorizado em detrimento de outras questões referentes ao realinhamento de gênero. ⁴⁴

É possível, então, inferir que a opinião do público leitor destes veículos é um reflexo da representação midiática dos corpos marginalizados, que endossa a diferença. Em conformidade Gomes, analisando uma entrevista com Laerte Coutinho, cujo tema é a transgenereidade, afirma: “A análise mostra que o texto jornalístico problematiza o tema de maneira superficial, irônica, reducionista e breve, por meio de discursos evidentes, estereotipados e essencialistas acerca das questões sobre gênero, sexualidade e travestilidade”.⁴⁵ Importa destacar que é possível encontrar veículos jornalísticos dispostos a promover discussões políticas sobre as questões trans, como a Revista Cult, o *site* Transfeminismo (transfeminismo.com) e a revista Nlucon.

Para uma análise mais objetiva, pautada somente nas recorrências, vamos nos ater somente aos fragmentos dos títulos:

1. Menina que se veste como menino bomba nas redes sociais. (Época)
2. Menina que se veste como homem faz sucesso nas redes sociais. (Correio)
3. Tereza Brant: Menina andrógina ganha destaque na mídia após fama nas redes sociais. (Paraíba)
4. Com corpo de homem, garota fica famosa. (O Tempo)
5. Mineira que age como um menino fala do assédio das fãs: “Uma loucura”. (Globo)
6. “Está uma loucura”, diz Tereza Brants [sic] sobre assédio feminino. (Bol)
7. Ex-patricinha escolhe visual masculino como identidade em MG. (G1)
8. Tereza Brant, um “cara” como você nunca viu. (Uai)
9. Tereza Brant: “Sou uma menina que se permite levar a vida que quer”. (Glamour)

Tereza é incluída em todos os títulos, o que não poderia ser diferente uma vez que a amostra discursiva pretende apresenta-la ao público enquanto figura pública. Ela é representada através de nomeação: Tereza Brant (Paraíba, Bol, Glamour e Uai); por classificação genérica relativa à identidade de gênero: Menina (Época, Correio, Glamour), Garota (O Tempo), “Um cara” (Uai); e classificação específica de origem: Mineira (Globo); de identidade de gênero: Menina andrógina (Paraíba) e classificação avaliativa: “Ex- patricinha” (G1).

As representações pautadas no gênero “menina” e “garota” orientam o leitor para a faixa etária de Tereza, jovem. Observando de que maneira a faixa etária dos trans são fatores que implicam diferentes representações sobre as questões de gênero, Gomes e Souza afirmam que quanto mais jovem é o trans, mais deslegitimada se torna sua voz para tratar de sua própria

⁴⁴ GOMES; SOUZA, 2014, p. 79.

⁴⁵ GOMES, 2013, p. 177.



identidade; assim casos de crianças trans são validados por seus responsáveis, no caso os pais, e por discursos médico-psiquiátricos. Casos de adolescentes são questionados pelos leitores em suas reações discursivas, pois estes ainda não são considerados aptos a decidir sobre sua existência. Já adultos trans não são questionados, pois a faixa etária atribui a eles responsabilidade, maturidade e legitimidade para decidir por si próprios. Em conformidade, Duque argumenta que “em vez de reconhecer a sexualidade dos jovens e tentar dar-lhe suporte, nossa cultura nega e pune o interesse e a atividade erótica de qualquer pessoa que não atingiu a maioridade”⁴⁶.

A representação do *site* Uai “um cara” apresenta um desrespeito à identidade de gênero de Tereza. Esta construção identitária está arraigada aos valores da materialidade corpórea: a aparência funciona como elemento definidor do gênero. Neste contexto, o questionamento de Porchat e Silva faz-se pertinente: “Alguns marcadores de gênero seriam privilegiados em relação a outros?”⁴⁷ A aparência seguramente é um aspecto importante na constituição do gênero, no entanto não é único, não é essencialmente definidor.

Se os atributos e atos do gênero, as várias maneiras como o corpo mostra ou produz sua significação cultural, são performativos, então não há identidade preexistente pela qual um ato ou atributo possa ser medido; não haveria atos de gênero verdadeiros ou falsos, reais ou distorcidos, e a postulação de uma identidade de gênero verdadeira se revelaria uma ficção reguladora.⁴⁸

O atributo do corpo físico hegemonicamente masculino não deve preceder o gênero com o qual a agente social se identifica. Nesse sentido, tal prática discursiva midiática age como uma instância reguladora, que promove a disseminação de ideologias de gênero pautadas em uma gramática normativa, em um ideal essencial de gênero submetido às expectativas sociais com base na aparência. “Supondo um momento de estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de ‘homens’ aplique-se exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo mulheres interprete somente corpos femininos”⁴⁹

A construção discursiva “menina andrógina” requer atenção, pois Tereza não se identifica como andrógina. E qual seria o efeito deste discurso? Por que identificá-la como menina andrógina é diferente de identificá-la somente como menina? A categorização desta identidade de gênero conforma uma forma de poder por parte das práticas midiáticas, um modo de ação sobre esse corpo que não se autocategoriza como transexual, andrógina, transex, intersex, somente como menina, vivendo seu gênero a sua escolha. “O perigo está em atribuir aos sujeitos a capacidade heroica de

⁴⁶ DUQUE, Tiago. Reflexões teóricas, políticas e metodológicas sobre um morrer, virar e nascer travesti na adolescência. In: *Estudos Feministas*, 2012, p. 489.

⁴⁷ PORCHAT, Patricia; SILVA, Gláucia Faria. Intervenções no corpo como marcadores de gênero no fenômeno transexual. In: *A Peste: Revista de Psicanálise e Sociedade e Filosofia*, 2010, p. 421.

⁴⁸ BUTLER, 2010, p. 200.

⁴⁹ BUTLER, 2010, p. 24.



se posicionarem fora das normas socialmente impostas como se fosse possível atribuir a si mesmo uma categorização diferente daquelas disponíveis no seu contexto sócio-histórico.”⁵⁰.

A classificação “ex-patricinha” apresenta uma carga semântica significativa do ponto de vista da identidade de gênero de Tereza. “A gíria ‘patricinha’, apropriada pelo senso comum, tornou-se uma expressão incorporada pelo discurso adolescente”.⁵¹ Esse rótulo tem como ponto de partida a classe social e o poder aquisitivo, além disso o consumo de determinados produtos de alto valor e o prestígio no mundo da moda são elementos essenciais à condição de patricinha, bem como a luxuosidade no vestuário, a delicadeza, a feminilidade e o cuidado com cabelos e maquiagens. Pereira observa que “ser patricinha” pode ser negativo. Segundo a autora, patricinhas são consideradas fúteis, escandalosas, pouco inteligentes e metidas. O termo é, portanto, ambíguo tanto em sua gênese como neste contexto em específico. É difícil determinar se, ao classificar Tereza como “ex-patricinha”, o texto faz uma crítica negativa a ela por adotar este estilo ou se busca destacar uma condição social privilegiada. Ainda podemos considerar a possibilidade de que esta construção discursiva tenha o propósito de ressaltar que Tereza não possui mais características como delicadeza ou feminilidade, as quais estariam negadas pelo uso do prefixo ex-.

Sobre a representação dos/as agentes sociais trans, Gomes e Souza apontam que “são prioritariamente assujeitados, pacientes ou recebedores dos processos materiais, mentais e relacionais realizados por pessoas heteronormativas”.⁵² No entanto, de forma muito positiva, nas práticas midiáticas aqui analisadas o que acontece é o contrário: ela é ativa na maioria dos processos dos quais participa: “se veste” (Época, Correio); “bomba” (Época); “faz” (Correio); “escolhe” (G1); “age”; “fala” (Globo); “diz” (Bol); “se permite”; “levar”; “quer” (Glamour). Somente em dois dos títulos ela é passiva: “ganha” (Paraíba) e “viu” (Uai).

É relevante destacar que alguns destes processos pretendem realçar atos performáticos realizados por ela, principalmente se levarmos em conta as circunstâncias que os acompanham. As orações expansivas de elaboração “que age como menino” (Globo), “que se veste como menino” (Época) e “que se veste como homem” (Correio) são adjetivas restritivas. Desse modo avaliam o comportamento de Tereza em relação à forma como ela se identifica no tocante ao gênero e à sua aparência. Estas orações secundárias elaboram o significado das orações primárias por meio de uma nova especificação, que pretende delimitar, especificar e definir de quem se está falando, contribuindo para a construção da identidade de Tereza. As circunstâncias de comparação realizadas através do “como” conformam argumentos sobre a identidade de Tereza, apresentando-a como alguém que tem comportamentos incomuns para o seu gênero. “Quando se faz uma comparação, não se toma o objeto em si, expondo suas características ou funções, mas se escolhe

⁵⁰ MISKOLCI; PELÚCIO, 2012, p. 258.

⁵¹ PEREIRA, Cláudia. Ser e Parecer “Patricinha”: família, amigos e identidade na adolescência. In: *Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade*, 2007, p. 177.

⁵² GOMES; SOUZA, 2014, p. 76.

outro objeto mais conhecido e se fazem aproximações entre eles”⁵³. Assim, o corpo trans é representado com base no heteronormativo, o qual é tomado como modelo.

O processo material “vestir-se”, acompanhado destas circunstâncias de comparação relativas ao gênero masculino, implicam que haja um padrão para a realização deste ato, o qual está pautado no gênero. Oliva afirma que os diferentes modos de vestir-se imputados aos gêneros são explicados pelo fato de que a menina se veste para ser contemplada, enquanto objeto que representa, suas roupas devem manter-se limpas, adornadas, impecáveis, assim como suas unhas, pele e cabelos. Já os meninos se vestem de modo prático, com roupas leves que lhes permitam os movimentos, agilidade, para as atividades que desenvolveram.

Este ato performativo (vestir-se) é frequentemente citado nos textos que tematizam a questão trans, pois as vestes são consideradas discursivas no que diz respeito ao gênero. Os cortes, modelos e, até mesmo, as cores são divisores de águas entre o feminino e o masculino. “Nascemos em um sistema de códigos no qual cores, estampas e cortes de roupas irão representar visualmente nossa posição na sociedade e nosso sexo”⁵⁴, e para além do sexo, nosso gênero. As mulheres se vestem para ser apreciadas, para agradar aos olhos de quem as vê, então devem ser belas, delicadas, sensuais, atraentes, e assim são representadas. Já os homens se vestem de acordo com as atividades que realizarão. Eles se vestem para agir.

O processo material “agir” apresenta o mesmo tipo de circunstância, de comparação, de modo eu avalio o comportamento de Tereza perante a identidade de gênero com a qual se identifica. No entanto, é importante destacar que este ato performativo possui um valor semântico mais amplo do que “vestir-se”, refere-se a um conjunto de atos, e não apenas a um em específico. Louro sustenta que

Através de muitos processos, de cuidados físicos, exercícios, roupas, aromas, adornos, inscrevemos nos corpos marcas de identidades e, conseqüentemente, de diferenciação. Treinamos nossos sentidos para perceber e decodificar essas marcas e aprendemos a classificar os sujeitos pelas formas como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e pelas várias formas com que se expressam.⁵⁵

Ao afirmar que Tereza “age como menino”, o Globo a percebe como uma pessoa que possui marcas da identidade masculina e, por isso, a classifica segundo as formas corporais que ela apresenta, seus comportamentos e a maneira como se expressa. Segundo Butler, “o gênero é um conjunto de atos repetidos no interior de um quadro regulatório altamente rígido e que se cristaliza ao longo do tempo”⁵⁶. É com base neste quadro regulatório que os sujeitos que fazem o gênero de forma particular são frequentemente encaixados. Em conformidade, Borba afirma que

⁵³ FIORIN, José Luiz. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 122.

⁵⁴ BUZZARELLO, Cristiano Leão Buratto. *A tipografia na moda*. Diss. Universidade Anhembi Morumbi, 2010, p. 16.

⁵⁵ LOURO, 2001, p. 6-7.

⁵⁶ BUTLER, 2010, p. 33.

“as performances de gênero não acontecem livremente: são, isto sim, reguladas por uma estrutura muito rígida que delimita suas possibilidades”⁵⁷ e as enquadra em padrões.

Assim, ao realizar o gênero feminino por meio de performativos considerados masculinos, Tereza subverte o gênero. Ao transgredir as normas de gênero, os sujeitos são frequentemente julgados sob as normas de sãnsão e normalidade social, assim são considerados anormais, diferentes e, muitas vezes, aberrações, monstruosidades. Neste contexto, o papel das práticas midiáticas é desfazer estes paradigmas, relativizar os padrões, apresentar novas possibilidades de ser, de vivenciar os gêneros de forma livre. Mas o que percebemos é o essencialismo, textos como os aqui analisados, os quais tematizam uma corporeidade que transcende a matriz de inteligibilidade do gênero e sustentam discursos conservadores, orientados a naturalizar as hegemonias e não a questioná-las, promovendo o respeito.

Outro fator que corrobora esse posicionamento nos textos midiáticos é a expressiva presença de construções discursivas que orientam para o binarismo de gênero: “menina x menino” (Época), “menina x homem” (Correio), “homem x garota” (O Tempo), “mineira x menino” (Globo), “Tereza x cara” (Uai), com a exclusão das possibilidades de ser que não são encaixáveis neste padrão. E quais são as consequências sociais desse tipo de naturalização? Os sujeitos que assumem identidades de gênero que conflitam com o sexo “(quase que universalmente) enfrentam dificuldades em função da predominância do binarismo de gênero e da matriz heterossexual na maioria das culturas”⁵⁸. Por esse motivo, é importante delinear meios de desestruturar essa representação dos corpos baseada em identidades de gênero fixas e únicas.

Uma das consequências mais significativas da desconstrução dessa oposição binária reside na possibilidade que abre para que se compreendam e incluam as diferentes formas de masculinidade e feminilidade que se constituem socialmente. A concepção dos gêneros como se produzindo dentro de uma lógica dicotômica implica um polo que se contrapõe a outro (portanto uma ideia singular de masculinidade e de feminilidade), e isso supõe ignorar ou negar todos os sujeitos sociais que não se “enquadram” em uma dessas formas.⁵⁹

Observado como as hegemonias são engessadas nos discursos das práticas midiáticas, importa destacar também de que modo Tereza se posiciona em relação à sua identidade quando sua voz aparece nos textos. Sinalizados por aspas duplas, os discursos diretos feitos por ela apresentam as seguintes circunstâncias de assunto: “Está uma loucura” (Boi); “Uma loucura” (Globo); “Sou uma menina que se permite levar a vida que quer” (Glamour). As duas primeiras falas de Tereza são avaliações sobre sua fama, seu status de celebridade. Ao dar a voz à agente social, sua fala não possui como tema as questões do gênero social, mas sim a fama, como forma de reafirmação da identidade de celebridade. A construção discursiva destacada pelo *site* Glamour não

⁵⁷ BORBA, Rodrigo. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. In: *Cadernos Pagu*, 2016, p. 3.

⁵⁸ ALMEIDA, 2012, p. 515.

⁵⁹ LOURO, 2001, p. 34.

apresenta menções a fama ou referências a sua identidade de gênero ou seu corpo. O processo relacional “sou”, que tem como identificação “uma menina que se permite levar a vida que quer”, leva a conhecer a identidade de gênero dela. Mais uma vez, o processo mental desiderativo “quer” é apresentado como forma de justificar o estilo de vida considerado pouco convencional de Tereza, representado pelo processo material “levar” que tem como meta “a vida”. Assim, o *síte* dá ênfase ao ideal de liberdade, de possibilidade de escolha adotado por Tereza. Ao buscar compreender o conceito de liberdade cunhado por Beauvoir, Nascimento escreve que “a existência é uma construção e, ao construir-se, o sujeito escolhe ser, e será nessa escolha, dentro das suas possibilidades, que se dará a liberdade”.⁶⁰ Neste contexto, é o conceito de escolha, tematizado por Tereza pelo processo mental desiderativo “quer”.

As recorrências apontam que a constituição da identidade de Tereza pelas práticas midiáticas ergue-se sob um pilar, o da fama. A identidade de celebridade é contemplada nos textos de diversas formas, e está presente em seis dos nove títulos por meio das construções discursivas: “bomba nas redes sociais” (Época); “faz sucesso nas redes sociais” (Correio); “ganha destaque na mídia após fama nas redes sociais” (Paraíba); “fica famosa” (O Tempo); “assédio das fãs” (Globo); “assédio feminino” (Bol). As redes sociais aparecem como protagonistas do sucesso de Tereza, sua fama está atrelada a estas práticas midiáticas digitais. Os jornais Paraíba, Época e Correio dão a estas lugar de destaque na construção da identidade de celebridade. Na contemporaneidade, o quanto uma pessoa é famosa é proporcional a quantos seguidores ela tem nas redes sociais. O número de curtidas e de comentários que os *posts* recebem determina o quão popular se é.

O processo material “bomba”, que tem como circunstância de lugar “nas redes sociais”, aplica sobre a agente o caráter de celebridade, com destaque para o papel da internet neste contexto. A metáfora *bomba* buscar criar uma relação de identificação com o público leitor, que são os/as jovens uma vez que este texto situa-se na seção *Colunas e Blogs*. Blogs são plataformas digitais que suportam diferentes tipos de texto. Emergentes na contemporaneidade, eles são amplamente acessados por jovens, de modo que é possível perceber uma relação direta entre o tipo de enunciado, a seção e o público a qual esta seção parece ter como alvo. Bombar refere-se a fazer sucesso, chamar atenção. O termo provavelmente foi empregado como uma metáfora para algo que é impactante e então tornou-se uma gíria.

Os títulos dos jornais Globo e Bol abordam a temática de modo a evidenciar que se trata do assédio feminino, o que causa curiosidade sobre a sexualidade de Tereza. Compreendemos que este tipo de colocação não ocorre ao acaso. Borba argumenta que determinados mecanismos sociais e culturais sustentam o que Butler chama de matriz de inteligibilidade dos gêneros, uma

⁶⁰ NASCIMENTO, Lidiane Brito do. *Fundamentos para a liberdade em Simone de Beauvoir*. Campina Grande, 2015, s/p.



gramática prescritiva que evidencia um processo relacional entre gênero, sexo e sexualidade. Essa matriz sustenta uma lógica pautada na

ligação linear e essencial entre sexo biológico, gênero, desejo sexual e subjetividade: vagina – mulher – fragilidade – emoção – passividade- submissão – maternidade – heterossexualidade ; pênis-homem – coragem – racionalidade – agressividade – dominação – paternidade – heterossexualidade.⁶¹

Considerações finais

As relações de poder se constituem de forma a privilegiar as construções hegemônicas de corpo. O tratamento deste tema sensível opera efeitos causais negativos a respeito dele, uma vez que as mídias acentuam, por meio de seus julgamentos, avaliações e apreciações, concepções engessadas sobre o gênero. Os processos, circunstâncias e participantes evidenciados privilegiam modos de identificar-se que orientam para os temas fama e aparência.

Os dados analisados sugerem que a representação do corpo trans pauta-se ainda em discursos que o compreendem de forma naturalizada e hegemônica o viés anatômico e fisiológico; o cenário político das questões trans não é lembrado, e as construções socioculturais e históricas estão apagadas. Os veículos midiáticos reconhecem a existência do corpo trans, mas não se pode dizer que há o propósito de fomentar a consciência crítica e o respeito do leitor às outridades.

Referências

ALMEIDA, Guilherme. Homens trans: novos matizes na aquarela das masculinidades? In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, p. 513-523, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Natal. 2015.

BENTO, Berenice. *O que é transexualidade?* 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BENTO, Berenice. *O que pode uma teoria?* Estudos transviados e a despatologização das identidades trans. *Florestan* (2), p. 46.-66, 2014.

BENTO, Berenice; PELÚCIO, Larrisa. Despatologização do gênero: politização das identidades abjetas. In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, p. 569-581. 2012.

BENTO, B. Queer o que? Ativismos e estudos transviados. In: *Revista Cult*. São Paulo: Editora Bregantine, 2016.

BORBA, Rodrigo. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. In: *Cadernos Pagu*, 2016, 441-473.

⁶¹ BORBA, 2016, p. 445.

- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- BUZZARELLO, Cristiano Leão Buratto. *A tipografia na moda*. Diss. Universidade Anhembi Morumbi, 2010.
- CASTRO, Ana Lúcia; JULIANA PRADO. Corpo e identidades femininas: a intermediação da mídia. In: *Estud. Sociol.*, Araraquara, v. 17, n. 32, p. 241-259, 2012.
- CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse in Late Modernity: rethinking critical discourse analysis*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1999.
- D'AMORIM, Maria Alice. Papel de gênero e atitudes acerca da sexualidade. In: *Psicologia: Teoria e pesquisa*, 5.1, 2012, p. 71-83.
- DUQUE, Tiago. Reflexões teóricas, políticas e metodológicas sobre um morrer, virar e nascer travesti na adolescência. In: *Estudos Feministas*, 2012, p. 489-500.
- FAIRCLOUGH, Norman. Análise crítica do discurso como método em pesquisa social científica. Trad. de Iran Melo. In: *Linha d'Água*, n. 25 (2), p. 307-329, 2012.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing Discourse: textual analysis for social research*. Londres, Nova York: Routledge, 2003.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: UnB, 2001.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Media discourse*. London: Edward Arnold, 1995.
- FIORIN, José Luiz. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2015.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. 32. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GASTALDO, Édison. "O complô da torcida": futebol e performance masculina em bares. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 11, n. 24, 2005, p. 107-123.
- GOMES, Maria Carmen Aires. Considerações sobre os estudos críticos discursivos: o projeto social discursivo de Norman Fairclough. In: GOMES, M.C.; MELO, M.S.S; CATALDI, C. (orgs.). *Gênero discursivo, mídia e identidade*. Viçosa: Editora UFV, 2007.
- GOMES, Maria Carmen Aires. Estudo explanatório-crítico de narrativas jornalísticas e a problematização de gêneros. In: *Calidoscópico*, 13(2), 2015, p. 140-151.
- GOMES, Maria Carmen Aires. Eu não me sinto fora do eixo, fora do tom, fora de nada: analisando as construções identitárias no discurso midiático. In: *Cadernos Discursivos*, v. 1, 2013, p. 174-188.
- GOMES, Maria Carmen Aires. Identidades de gênero no movimento funk: um estudo explanatório crítico de notícias jornalísticas brasileiras. In: *Ilha do Desterro: A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies*, 69(1), 2016, p. 183-200.
- GOMES, Maria Carmen Aires; SOUZA, Daniela Márcia. *Corpo transgênero na mídia jornalística digital e o olhar do leitor: Representações de Vulnerabilidade Social e Diferença na Sociedade Contemporânea*. Projeto de Iniciação Científica. Letras, Viçosa, MG, julho/2014.

HALL, Stuart. In: SILVA, Tadeu. Tomas. (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 7-72, 2009.

HALLIDAY, M A. K.. *An introduction to functional grammar*. Londres: Edward Arnold, 2004.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Trad. Fuhrmann, S. Petrópolis: Vozes, 2. ed, 2007.

Lopes Louro, Guacira. *“O corpo educado”: Pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. São Paulo: Vozes, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer: Uma Política Pós-Identitária para a Educação. In: *Estudos Feministas*, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. Uma sequência de atos. In: *Revista Cult*, São Paulo: Editora Bregantine, 2013.

MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa. Fora do sujeito e fora do lugar: reflexões sobre performatividade a partir de uma etnografia entre travestis. In: *Revista Gênero*, 2012.

NASCIMENTO, Lidiane Brito do. *Fundamentos para a liberdade em Simone de Beauvoir*. Campina Grande, 2015.

OLIVA, Juliana. O outro a partir da corporeidade: a importância do corpo na situação da mulher em *O Segundo Sexo* de Simone de Beauvoir. In: *Sapere Aude: Revista de Filosofia*, 2014.

PEREIRA, Cláudia. Ser e parecer “patricinha”: família, amigos e identidade na adolescência. In: *Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade*, 2007.

PESSOA, Débora. *“Eu sou gente!” – Representação dos (trans) gêneros em veículos midiáticos – caso Laerte Coutinho*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Viçosa. Viçosa. Março/2015.

PORCHAT, Patricia; SILVA, Gláucia Faria. Intervenções no corpo como marcadores de gênero no fenômeno transexual. In: *A Peste: Revista de Psicanálise e Sociedade e Filosofia*, 2010.

PRIMO, Alex. *Existem celebridades da e na blogosfera*. Reputação e renome em blogs, 2009.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane. *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. Campinas: Pontes, 2011.

SALIH. Sara. *Judith Butler e a Teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SANTANELLA, Lúcia. *Corpo e comunicação*. Sintoma da cultura. São Paulo: Paulus, 2004.

SIMÕES, Paula Guimarães. *A mídia e a construção das celebridades: uma abordagem praxiológica*. Logos, 16(2), 2010, p. 67-79.

WHITE, Peter. *Valoração: a linguagem da avaliação e da perspectiva*. Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, 2004.



WODAK, Ruth. Do que trata a ACD: um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. In: *Linguagem em (Dis) curso*. Universidade do Sul de Santa Catarina, SC, 2004.

[Recebido em: abril de 2016 /
Aceito em: novembro de 2016]